



DESPERTAR

BOLETIM RELIGIOSO DA IGREJA LUSITANA

Director — L. DE FIGUEIREDO

Redactor principal — SAUL DE SOUSA

Redactor correspondente no Norte — A. FERREIRA ARBIOL

Redactor correspondente no Brasil — OCTACÍLIO M. DA COSTA

Redacção — Calçada das Lages, 6 — Lisboa

Administração — F. V. D' OLIVEIRA — Rua do 1.º de Maio, 54, 2.º — V. N. de Gaia

Composição e impressão: Empresa Técnica de Tipografia, Lda. — Villa Franca de Xira

MENSAGEM EPISCOPAL

Regularidade

Revd.^m Bispo D. Luís Pereira

TODOS os povos têm os seus defeitos peculiares. Nós os latinos temos, entre outros, o defeito da irregularidade.

Somos capazes, por exemplo, de rasgos extraordinários de dedicação, de generosidade ou de sacrifício; mas permitimo-nos também, por vezes bastante facilmente, atitudes egoístas e acomodáticas que nada têm de louvável.

Se professamos ser cristãos, compete-nos adquirir e promover a virtude da regularidade que é como quem diz, estabilidade e ponderação.

Regularidade, como a própria palavra mostra, implica a existência de regulamento ou regra — aquilo que os mestres de vida espiritual tanto preconizam — **a regra de vida.**

Nas suas linhas gerais, a regra de vida cristã está perfeitamente delineada no Novo Testamento: «Se alguém quer vir após Mim, negue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e siga-Me»; «Vigiai e orai»; «Nem só de pão vive o homem mas de toda a Palavra que sai da boca de Deus»; «Fazei aos outros aquilo que quereis que eles vos façam» — eis algumas formosas facetas do modelo bíblico da vida cristã.

Importa porém que estes e outros princípios gerais sejam aplicados individualmente. Cada cristão devia pois, com reflexão, prece e em muitos casos com o conselho do seu director espiritual, estabelecer a sua própria regra de vida. Esta regra, deverá ter a elasticidade exigida pelas contingências humanas como saúde, tarefas extraordinárias, despesas ou diminuição de proventos inesperados, etc., porque vale mais planear uma regra menos rigorosa e segui-la, do que delinear normas de severidade monástica, que não é possível guardar por mais de uma semana, se tanto.

Uma regra de vida deverá estabelecer pelo menos:

Tempo diário que se decide guardar, sempre a hora fixa, tanto para oração privada como para leitura da Bíblia; cultos a que se resolve sempre assistir; frequência de participação da Sagrada Comunhão, sempre precedida de rigoroso exame de consciência; actividades da Igreja em que se tomará parte; dia-neiro que semanal ou mensalmente se dedicará para a Igreja e para beneficência.

Talvez alguém diga que proceder deste modo é mecanizar a vida cristã. De facto é mesmo assim, trata-se porém de mecanização ao serviço do Espírito, isto é, animada e dirigida pelo Espírito Santo.

EDITORIAL

A Igreja Lusitana, que é a continuação histórica da antiga Igreja independente da Lusitânia, que foi absorvida no século XI com toda a Igreja Moçárabe da Península, pela hegemonia de Roma, sem que não tivesse havido grande resistência, tem com as outras Igrejas irmãs do nosso País, o papel de evangelização do seu povo. Processos diferentes, divergências teológicas, intolerâncias, espírito de seita, tem-nos todavia dividido, enfraquecendo uma acção que deveria ser mais persuasiva, mais afim, mais exemplar na coerência dos princípios evangélicos de amor e sacrifício a uma causa sacrossanta.

Antevê se porém hoje um renascimento no sentido da unidade que não na uniformidade rígida que atrofia. Começa-se a compreender os erros do passado em dicotomias de igrejinhas, divorciadas apenas por insignificantes querelas familiares, evitáveis certamente com um pouco mais de compreensão e de senso.

O toque de alvorada para a unidade ouve-se em todos os campos. Já não diz respeito unicamente às Igrejas oriundas da Reforma, como se tateava nos primórdios do movimento ecuménico. Ultrapassa esse tempo, englobando presentemente todo o mundo cristão. A própria Igreja Católica Romana, até aqui sempre fechada, lança-se com espanto geral numa campanha de reformas e actualizações que não deixam dúvidas sobre o seu desejo de aproximação com as outras Igrejas, com as quais procura dialogar. Aleluia!

Nesta crucial balbúrdia em que nos encontramos, é com os olhos em Cristo e em toda a sua Igreja Una e Santa, que o Mundo pode encontrar o Caminho e a Verdade que aflitiva e ansiosamente procura. De contrário todas as esperanças estariam perdidas e o Mundo caminharia para o caos.

NOTAS E COMENTÁRIOS

Paulo Agostinho

Oitavário pela Unidade da Igreja

Nas Igrejas Católicas Romanas, nas Protestantes e nas Ortodoxas, durante a semana de Janeiro, de 18 a 25, orou-se pela Unidade da Igreja. Orou-se para que todos os cristãos se sentissem unidos como Deus em Cristo, e Cristo em Seu Pai, neste inexcédível exemplo de unidade imagem extraordinária da Igreja Una e Santa.

A Igreja Reformada orou. Crentes católicos romanos e protestantes juntaram-se em grupos em espírito de oração. A Igreja Católica Romana dedicou-lhe o maior carinho, fazendo programas especiais, com oradores de renome.

Mas sentimos fazer um reparo.

Não me refiro ao silêncio de muitos evangélicos que emudeceram, levados certamente por motivos especiais. Queremos apenas mencionar, no lado católico romano, a forma como anunciaram oficialmente os assuntos dos diferentes dias, no que dizia respeito à Igreja Reformada, repetindo o erro de falar do seu «regresso» à Igreja Católica Romana, e pior ainda, do regresso à obediência do Pontífice romano (sic). E isto contraria o espírito do Concílio Ecuménico.

Compreenderam os Padres conciliares que não deveriam criar atritos com os «irmãos separados» e esforçaram-se no diálogo efectuado, em evitar palavras que pudessem chocar, e uma delas era o emprego da palavra «regresso», sabendo de antemão que os protestantes oriundos da Reforma do século XVI de modo algum aceitam a ideia de que não pertencem à Igreja Católica. É um ponto de honra no que não podem ceder, sem admitirem que tudo do seu lado está errado. E decerto não está. A Reforma do século XVI não foi uma saída da Igreja Católica mas sim uma separação do seu ramo romano, por razões fortes, de sobejo conhecidas...

Foi pena esta nota discordante num ambiente que foi no seu sentido geral de harmonia, de compreensão mútua dos próprios erros, para o que tantos, de todos os lados, contribuíram com um espírito humilde e sincero de pura devoção e fé.

Reformar para chegar à Unidade!

Esta frase não é nossa. É do rev. dr. Santos Neves, proferida na Igreja de S. Domingos, Lisboa, lugar onde se realizaram as diferentes conferências do Oitavário pela Unidade da Igreja, e a cujo programa fizemos os comentários anteriores.

Temos certamente com sincero regozijo de apoiar, sem reservas, esta afirmação, princípio base para um diálogo aberto e franco. Todos nós a devemos proferir em unísono com humildade e fé, pedindo a Deus que nos ajude a compreender a largueza do Reino de Deus e nos perdoe toda a intolerância, orgulho e todas as

atitudes farisaicas. Deus tenha misericórdia de nós, dos nossos erros, de que, sem excepção, nos temos todos de penitenciar.

Este presbítero católico romano teve a coragem moral de uma atitude que sentimos não ser ainda a geral nos arraiais da Igreja Católica Romana, pelo menos aqui na Península Ibérica. Esta atitude enobrece todo o esforço ecuménico sincero da parte desta Igreja, manifestado neste Concílio e vibra em unísono com os propósitos dos Padres conciliares, mormente os da vanguarda liberal e progressista. Esta atitude dá-nos também a certeza de que abaixo dos Pirinéus, em certos sectores, se vai agitando e actualizando uma evolução ecuménica num sentido sério, objectivo e com uma compreensão necessária das suas múltiplas dificuldades e escolhos.

Deo gratias.

Educação

Os problemas de educação estão na ordem do dia. A um rigor excessivo nos castigos dos filhos seguiu-se uma descontractação paternal, deixando as crianças num à vontade exagerado cujas consequências estão à vista.

Os múltiplos problemas da educação, dos filhos pela importância vital de que se revestem, não podem ser deixados abandonados, ao livre arbítrio das famílias, a braços com crianças de diferentes «feitos e modos de ser», em período pleno de crescimento, pois os pais sentem-se muitas vezes inaptos para os resolver. As escolas primárias, os liceus, a Igreja, têm um papel preponderante no auxílio que podem prestar às famílias, numa actualização dos conhecimentos de psicologia e higiene mental infantis.

O facto dos castigos corporais e outros não menos próprios terem sido postos de parte, não significa que não se exerça sobre as crianças uma disciplina firme ainda que de forma persuasiva. Tem de se lhes inculcir o sentimento do dever e da responsabilidade. Tem de se lhes fazer sentir o respeito pelas coisas que as rodeiam, a família, a Igreja, e a escola. Há que procurar criar-lhes as qualidades necessárias à sua formação moral, a ideia do carácter, da personalidade, do homem de bem, da coragem, da luta pela vida, da necessidade de corrigir certos defeitos próprios de cada indivíduo.

No nosso tempo de criança, pelas escolas, havia-se espalhado um quadro com o título: «Qual dos caminhos seguireis?» E ainda hoje na nossa memória perpassam com nitidez as diferentes figuras desse quadro, aquelas cujas cenas mostravam a forma de se chegar à perfeição e as outras que conduziam à ruína física e moral do indivíduo. Os ingleses na educação das crianças, a fim de lhes criar o sentido da personalidade, usam muito dizer-lhes: «Tu és um «gentleman» e como tal não podes proceder desta ou daquela maneira».

Hoje os processos educativos modernos, muito mais perfeitos, não podem deixar de ser postos a funcionar em todos os sectores da educação. A Igreja, mencionada já, que tem procurado através dos séculos, melhor do que ninguém, pelas suas escolas dominicais e catequeses, criar um ambiente sadio e cristão, incutindo nas crianças os princípios evangélicos, e mostrando-lhes o «Caminho, a Verdade e a Vida em Cristo», não pode deixar no seu ensino atrazar-se nos meios pedagógicos actuais. Tem o dever de procurar ultrapassar a rotina, e, com verdadeiros mestres, orientar a educação dos alunos na concretização real e objectiva dos princípios ensinados. Limitar-se apenas ao ensino do catecismo ou a umas lições dadas por pessoal tantas vezes incompetente, é pouco.

Fala-se muito, em todo o Mundo, na criação das escolas normais para professores das Escolas Dominicais. Entre nós o Seminário de Carcavelos, da Igreja Presbiteriana, tem procurado fazer professores das Escolas Dominicais, abrindo cursos para esse fim, e cremos, dentro dos mais modernos ensinamentos da Psicologia infantil. Bem haja pois. Necessário seria que as Igrejas concedessem bolsas de estudo aos seus professores para uma frequência destes cursos. Entregar as crianças a professores de Escola Dominical muitas vezes pouco mais que analfabetos, é prejudicial e contrário aos desejos da Igreja, no seu papel educativo.

PELA IGREJA

(Continuação da página 9)

Na quarta-feira, dia 22, pregou o estudante de Teologia, António José Dimas Almeida, aluno do Seminário Teológico Presbiteriano de Carcavelos, o qual nos deixou um impressionante e profundo sermão.

Na quinta-feira, dia 23, na nossa capela de S. Tomé, pregou o rev. Ismael da Silva Cunha, pastor da Igreja Evangélica Baptista da Graça, cuja pregação foi um incentivo a não nos deixarmos impressionar pelos números mas a fazermos o nosso trabalho para o Senhor, confiados simplesmente n'Ele.

Na sexta-feira, dia 24, à noite, véspera da Festa da Conversão de S. Paulo, houve sermão e solene Eucaristia, em que celebrou e pregou o nosso bispo.

22.º Aniversário do Núcleo Campista «As Sentinelas»

No dia 26 de Janeiro, p. p., comemorou o Núcleo Campista «Sentinelas», anexo à nossa congregação, o vigésimo segundo aniversário da sua existência. De manhã, houve celebração da SS. Eucaristia, em acção de graças pela vida e testemunho das «Sentinelas»; e à noite teve lugar um Culto especial, cujo sermão esteve a cargo do jovem e futuro médico, David Payne Rodrigues Pereira, leitor leigo e organista da nossa congregação. Tomaram parte neste Serviço especial alguns membros da direcção do «Núcleo». Ao órgão esteve a menina Alice Pestana Serrano e Silva, também estudante de medicina, e membro da congregação da catedral. Este serviço teve a honra de ser presidido pelo senhor bispo.

O Regresso dos protestantes e a Unidade da Igreja, visto por um padre Católico Romano.

(De «A VOZ» de 23-1-1964)

Transcrevemos, com a devida vénia, de «A Voz» um relato da conferência que o rev. dr. Santos Neves fez, no dia 22 de Janeiro, na Igreja de S. Domingos, Lisboa, sobre o regresso dos protestantes americanos e em que trata do problema com uma coragem rara, dando à palavra regresso um sentido geral de regresso à Palavra de Deus, e incluindo todas as Igrejas e a sua também, sem excepção. Todo este espírito nos surpreendeu no meio de um atrazo sensível de certo clero católico romano em relação ao problema ecuménico, que o programa das conferências excessivo na obediência tout-court ao Papa não esconde. Sentimos que a massa dos crentes católicos romanos (não de certas elites isoladas) está mal informada, reage pouco, e que os padres em geral que temos abordado, não nos mostram estar ao facto dos grandes pensadores católico-romanos de além Pireneus, e de certas atitudes firmes dos Padres conciliares em relação à Unidade. Pelo contrário, dão-nos a impressão de reaccionários e descrentes sobre o diálogo com aqueles a quem chamam, agora, «irmãos separados». O dr. Santos Neves, porém, desassombrou-nos com as suas palavras inequívocas, modificou-nos a nossa ideia que estava a ser exclusiva em demasia, tornando-se injusta e menos verdadeira na sua generalização.

Bem haja, pois, o rev. dr. Santos Neves.

O rev. dr. António Fernando dos Santos Neves falou sobre «o regresso dos protestantes da América», começando por lembrar a necessidade de nós, os católicos, passarmos do esquema ecuménico «facilista» (regresso dos outros ao imobilismo ontológico-psicológico da nossa perfeição...) ao esquema ecuménico verdadeiro (regresso de todos os cristãos e de

todas as Igrejas cristãs ao Evangelho, a Cristo...), nas suas múltiplas exigências e implicações... Mantenhamos, continuou, a palavra «regresso», mas demos-lhe um sujeito, orientação, finalidade e conteúdo novos: conversão de todos os cristãos (católicos romanos, orientais-ortodoxos, reformados-evangélicos-protestantes, anglicanos...) a Cristo, em obediência e fidelidade plenas ao Espírito do Senhor... Não poderá ser outro o «aggiornamento» e o «resourcement» necessários a todas as Igrejas cristãs: actualização-adaptação por refontalização tradicionalizante... É, aliás, o programa essencial de João XXIII, do Concílio ecuménico Vaticano II e da Igreja eterna: «Reformar-se para chegar à unidade...», e aquele ainda mais originário do Evangelho: «Procurai o Reino de Deus e a sua Justiça e tudo o mais vos será dado por acréscimo...».

O rev. dr. Santos Neves frisou, a seguir:

«A evocação dos nossos irmãos protestantes ou evangélicos ou reformados deve, nomeadamente, levar-nos a um exame de consciência sobre a nossa fidelidade à palavra de Deus... Para muitos católicos, a Bíblia é ainda a grande «desconhecida»... Não tenhamos medo de falar da necessidade do «regresso» dos católicos à Palavra de Deus, regresso a efectuar em todos os níveis:

Nível espiritual-individual: quantos de nós já lemos a Sagrada Escritura?

Ao menos, o Novo Testamento?
Ao menos, os Evangelhos?

Nível familiar: quantas as famílias cristãs que têm a Bíblia, desejavelmente no lugar de honra da casa, para manifestação da presença do Senhor e para leitura da «igreja» ou assembleia familiar?...

Nível paroquial-comunitário: seremos nós ainda daqueles cris-

tãos que julgam (ao menos, praticamente) heterodoxo o uso da Bíblia, em celebrações paralitúrgicas ou actos semelhantes?... E não existirão ainda mesmo congregações religiosas, onde à leitura da Bíblia se preferem leituras «piedosas», não raro de uma qualidade mais que medíocre?...

Nível litúrgico-pastoral: estaremos nós aptos a exigir e a aproveitar das reformas que neste sentido vão ser introduzidas pela Constituição Litúrgica Vaticana? Damos nós todo o valor «único» à proclamação da Palavra de Deus, na acção eucarística dominical? Seremos ainda daqueles que julgam «mania» passageira o regresso ao livro de canto por excelência do Povo de Deus, que é o Salterio?...

Nível apostólico-missionário: quando nos convenceremos da eficácia salvadora da Palavra de Deus, de que somos enviados e que devemos, antes de mais, «evangelizar», anunciar?...

Nível kerigmático-teológico: decidir-se-á a nossa teologia e a nossa pregação a abandonar, de uma vez para sempre, a linha do «filosofismo» e «moralismo» estéreis, e eventualmente a exemplificar e a confirmar pela Palavra de Deus? E quando nos oferecerá um tratado verdadeiramente teológico da Palavra de Deus, esse «Sacramentum audibile» de que falam os padres?...

Antes de terminar, o ilustre sacerdote referiu-se à caridade fraterna, entre os diversos cristãos e entre as diversas igrejas cristãs, como ao Grande Sacramento, ao Sacramento Primordial da Unidade, que simultaneamente manifesta e realiza: «Onde haja caridade e amor, aí habita Deus... Amemo-nos na lealdade de coração... Longe de nós dissensões e contendas... Esteja connosco o Senhor Jesus Cristo...», para concluir:

«Em espírito de Igreja, convocação-reunião, em Cristo, dos salvandos, rezemos hoje, de maneira especial, pelas comunidades cristãs da América, para que todas elas se tornem cada vez mais, ao Espírito Santo, a epifania sacramental da unidade da sua vocação e assim todo o mundo americano acredite e confesse que Jesus é Senhor».

Publicações Recebidas

Crítica de Livros e de Revistas Teológicas

A VOCAÇÃO DOS LEIGOS — de D. Egmont Krischke — Pastoral lida perante a 64.ª Reunião do Concílio da Diocese Meridional — Porto Alegre, R. G. S. — Brasil, 1962.

Não há dúvida de que o Concílio do Vaticano II pôs o Mundo a pensar em problemas vitais para o progresso da Igreja Cristã, problemas a que nem sempre se tinha acesso, dada a rigidez dogmática de certas fórmulas medievalistas, que o conceito dominante do «semper idem» alimentava. Um dos mais fascinantes desses múltiplos problemas foi o da vocação dos leigos e da sua integração real nas actividades da Igreja. Nesta linha de pensamento também as Igrejas de orientação católico-reformada denunciavam certa distinção, em alguns casos demasiado rigorosa, entre o clero e os laicos.

O revd.^{mo} bispo D. Egmont M. Krischke, numa pastoral, publicada em folheto de oito páginas, expõe perante a Igreja Episcopal Brasileira a sua esclarecida e oportuna tese apologética sobre um maior aproveitamento do elemento laico nas actividades litúrgicas da Igreja. Mais uma vez o argumento fundamental que lhe serve de esteio será a tese do «sacerdócio universal dos crentes», assunto que tanta polémica tem levantado desde os alvares do século XVI, devido ao abuso que os primeiros Reformadores mostraram na sua radical aplicação ao serviço da Igreja, e, por outro lado, ao impedimento total da Igreja Romana, até naquilo que as Escrituras permitiam.

Bem sabemos que foi o instinto da defesa de certos direiros sagrados, conferidos aos que se submetem válidamente à imposição das mãos episcopais, que impediu ao clero a aceitação franca de uma maior actividade laica no ministério da Igreja; mas também nos parece que esse instinto de defesa e de consciencialização sacerdotal mentalizou uma tendência a que os séculos tácitamente iam dando maior corpo — o clericalismo. Fugia-se de um laicismo absorvente e caía-se num clericalismo dominante. Talvez fosse esse receio o responsável principal pelo desaparecimento da ordem eclesiástica dos diáconos, que durante séculos tem sido, erradamente, só uma ordem de transição para presbítero, e que agora está a ser restaurada em todas as confissões de orientação episcopal, incluindo a romana. Na Igreja Lusitana, o diaconato permanentemente, que há anos vem a ser discutido, foi agora, no princípio de Novembro deste ano, restaurado.

(Continua na página 6)

POR QUE NÃO QUER

Rev. São

ANTES de entrarmos na Semana Santa, também conhecida por Semana Maior ou Semana Dolorosa, na qual a Igreja revive mais intensamente os mistérios da nossa Redenção, somos preparados espiritualmente pela Quaresma. A Semana Santa, última deste tempo quaresmal é, por assim dizer, o desenrolar do drama da paixão do Senhor, que culmina na glória da Sua ressurreição. É que sem morte não há ressurreição; sem cruz não pode haver glória. A não ser que morramos para o pecado, não podemos viver a verdadeira vida (II Tim. 2. 11; Rom. 8. 17).

É por isso que nestes 40 dias que precedem a Páscoa, a Igreja nos exorta, de modo todo particular, a que examinemos mais detidamente as nossas vidas; nos arrependamos sincera e verdadeiramente dos nossos pecados, produzindo frutos dignos de arrependimento; mortifiquemos a carne, isto é, as nossas más propensões; oremos com mais frequência e fervor; pratiquemos actos de caridade, actos de renúncia e de auto-disciplina.

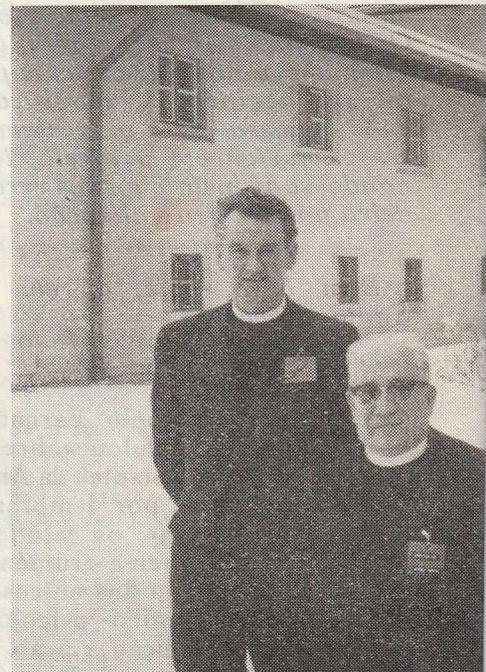
E por quê tudo isto? Porque neste tempo somos mais confrontados com a maior tragédia da Humanidade — o pecado. Não olvidemos este facto impressionante: o pecado fez do «Cristo de Deus» o «Varão de Dores»...

Mas o que vem a ser isso de pecado? Das muitas acepções e definições que o termo pecado tem, as quais nos são transmitidas pela Santa Escritura, pelos compêndios de Teologia e pelos Catecismos, uma há que prende de modo todo especial a nossa atenção: é a que define pecar como «errar o alvo». Quem peca erra o alvo. Pecamos por pensamentos, palavras e obras: por comissão e omissão. A figura do alvo é, sem dúvida alguma, bastante sugestiva, porque sempre que praticamos o mal ou deixamos de fazer o bem, erramos o alvo estabelecido por Deus (Mat. 25. 41-45; Tiago 4. 17).

Seria curioso inquirir da razão por que muitos se encontram bem com a sua consciência, ao ponto de quase não se considerarem pecadores. Humanamente falando, a razão parece-nos, no entanto, com-

Conferência Eclesiástica

Foi-nos dada a honra e o prazer de, em representação da Igreja Lusitana, tomar parte na Conferência Eclesiástica na Alemanha «Wider Episcopal Fellowship» na Europa, realizada em Berchtesgaden, Alemanha, na primeira semana de Dezembro. Havia todos os dias celebração da Eucaristia, às 7 horas, seguida das reuniões dirigidas pelos bispos Dun e Bayne, respectivamente, sobre os temas «Pecado, Perdão e Reconciliação» e «Responsabilidade e interdependência mútua do Corpo de Cristo». A tarde estava livre para passeios ou excursões, e à noite após o Ofício de Completas (Oração da Noite), havia mais duas reuniões, focando uma delas, especialmente assuntos de ordem social, pelo dr. Rodenmeyer. Na última noite, o rev. dr. Daniel de Pina Cabral foi convidado a dizer algumas palavras sobre a Igreja Lusitana, as quais foram



O Rev. John Humphrey, Reitor da Igreja de S.

DEUS QUE PEQUEMOS ?

Sermões de 5 minutos

Rev. Agostinho F. Arbiol

«Rasgai o vosso coração e não os vossos vestidos»
(Joel 2. 13)

A Paz de Deus seja convosco.

O hábito dos israelitas rasgarem os seus vestidos e cobrirem-se de saco e de cinza, traduzia a angústia e a dor das suas almas pela perda de algum ente querido, qualquer acontecimento funesto ou desastre ocorrido nas suas vidas, sendo também observado pelos reis e pelo povo, no caso de calamidades ou flagelos nacionais. Era, portanto, a mais comum manifestação de luto na antiguidade.

Geralmente, o hábito de rasgar os vestidos era, muitas vezes, acompanhado de períodos de jejum e oração. A exortação de Deus, por meio do profeta Joel, mostra que, com o decorrer do tempo, esse gesto se foi tornando mais numa formalidade, exigida pela sociedade, do que uma espontânea e sincera manifestação de dor.

E, contudo, o acto de rasgar os vestidos tinha qualquer coisa de grandioso e sublime, porque era um meio da pessoa se humilhar perante o Mundo, desferindo um golpe na sua vaidade e orgulho, sentimentos estes que, tantas vezes, residem mesmo na qualidade e feitio do vestuário. Porém, a beleza desse gesto, perdeu-se na fria rotina do hábito. Então, pela voz do profeta, Deus exproba a hipocrisia do Seu povo, e exorta-o à verdadeira penitência que não consiste em rasgar os vestidos, que facilmente podem ser substituídos por outros, mas sim em rasgar o coração, na simbólica expressão de arrependimento dos nossos pecados, confessando e chorando a nossa miséria para que possamos alcançar de Deus perfeita remissão e perdão.

A Sagrada Escritura ensina-nos que devemos sempre, e não apenas na Quaresma, subjugar a carne ao espírito para um maior estado de perfeição e santidade de vida. Todavia, um tal estado, não se alcança sem luta. O jejum e a oração são os meios especialmente indicados para a vitória. A ideia simplista de mera abstinência, atribuída à palavra jejum, não define o seu verdadeiro significado. Geralmente, no Novo Testamento, esta palavra anda associada à de oração, querendo dizer que o verdadeiro jejum não deve ser acto de vaidade ou mérito pessoal mas sim de humildade e submissão a Deus. A verdade é que o jejum não é apenas abstenção ou substituição de alimentos; antes e mais do que isso, é o benefício em favor de alguém, por meio de tudo aquilo, seja o que for, de que, para esse fim, nos privamos. Segundo o capítulo 58 do Livro de Isaías, o jejum que agrada a Deus e faz bem a quem o guarda, não con-

preensível: não matam, não roubam, não desrespeitam a casa do próximo, enfim, não fazem mal a ninguém... Sem dúvida que não proceder mal é já alguma coisa. Mas para Deus não é suficiente. A verdadeira religiosidade não pode consistir apenas na forma negativa «não faças»; mas também e principalmente, na positiva «faze». E, sempre que isto não se verifica na nossa vida, a nossa pontaria erra o alvo.

Havendo analisado, sem dúvida de modo bastante perfunctório, alguma coisa do que se pode compreender por pecado, torna-se oportuno entrar já na consideração da pergunta que encima estas linhas: Por que não quer Deus que pequemos? Talvez devêssemos responder a esta pergunta com uma simples resposta: porque Ele deseja a nossa felicidade no tempo e na eternidade.

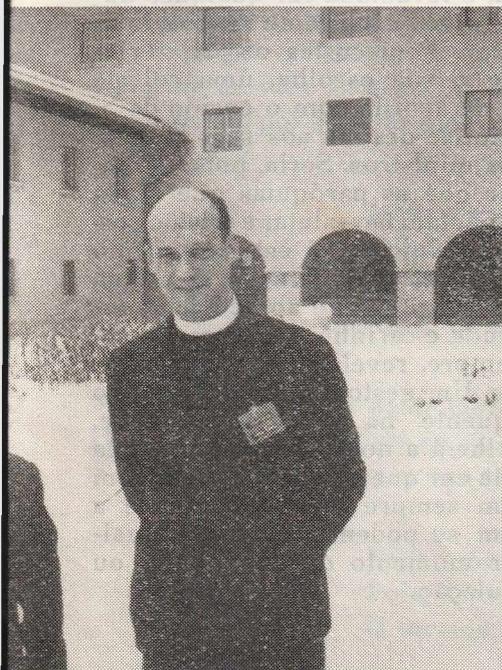
Deus sabe, melhor do que ninguém, quanto o pecado faz desgraçado o homem. Por causa do pecado grandes males têm sobrevido ao Mundo: países foram devastados, saqueados, e alguns destruídos completamente; reinos

e impérios, ao serem flagelados, esboroaram-se; civilizações ruíram, pereceram, ficando depois sepultadas nos seus próprios escombros... O pecado, moral e espiritualmente falado, é com certeza, a pior pandemia que se pode imaginar, pois é de todas a que maiores e mais funestas consequências traz no seu bojo. Ele arrasta atrás de si um cortejo interminável de misérias terrenas com repercussões e consequências eternas. Os amigos e o dinheiro não nos acompanharão sempre; mas o pecado acompanhar-nos-á para a outra vida, a não ser que o abandonemos nesta, enquanto temos tempo.

Não há dúvida que o pecado, tanto na vida social como na vida de cada indivíduo, é altamente pernicioso, deletério e mortífero. Para debelar este terrível mal só há um antídoto — Jesus.

Querendo Deus, na Sua misericórdia infinita, livrar-nos do pecado, da sua força e consequências, enviou o Seu bendito Filho a este Mundo, a fim de desfazer o pecado das nossas vidas e destruir o que o
(Continua na página 8)

ica em Berchtesgaden



muito apreciadas, tendo o bispo Stephen Bayne, Secretário Executivo da Comunhão Anglicana e Bispo dos Capelães e do Pessoal Militar na Europa, feito referências muito lisonjeiras à nossa Igreja e dispensado aos seus representantes as mais afectuosas atenções.

No domingo, 8 de Dezembro, o rev. dr. Daniel de Pina Cabral pregou na Igreja Episcopal Americana de S. Sebastião, em Frankfort, no culto das 11 horas, na Celebração da Eucaristia, e eu preguei na mesma Igreja, às 9 horas.

Tomaram parte na Conferência cerca de 120 delegados, entre os quais muitos capelães do exército, presbíteros das Igrejas, Episcopal Americana, Inglesa e Velho-Católica.

Agostinho F. Arbiol

siste em um homem afligir a sua alma por um dia, e em cobrir-se com saco e com cinza, mas sim em repartir o seu pão com o que tem fome, acudir ao pobre e aflito e dar agasalho ao que tem frio. Estes e outros actos de caridade são o verdadeiro jejum que, acompanhado de oração fervorosa, faz bem à alma e a eleva diante de Deus. Quem não fizer mal a ninguém, conquista, pela luta que esse esforço implica, o título de VENCEDOR; mas quem fizer bem a todos, especialmente àqueles a quem possa parecer lógico excluir, conquista, por tão admirável acto de amor cristão, como diz S. Paulo, o título de MAIS DO QUE VENCEDOR.

Uma tal atitude pode parecer humilhante diante dos homens, mas diante de Deus exalta e engrandece a quem, num supremo impulso de fé, for capaz de a tomar. Nesta quadra da Quaresma que nos recorda os retiros de Moisés no Sinai, de Elias em Horeb, e de Nosso Senhor Jesus Cristo no deserto, onde cobraram ânimo e força para dominar as situações difíceis que se seguiram, os crentes são também convidados a retirar das suas almas toda a ideia do mal, dos sentimentos de ódio ou vingança, e dos prazeres loucos deste mundo, e a gozar a paz e o conforto deste acto de renúncia que, pela sua espontaneidade, não pode deixar de nos predispor para a Graça Divina.

Nosso Senhor Jesus Cristo, na hora mais cruel da sua vida, retira-se a sós para o Jardim das Oliveiras, onde após algum tempo de sofrimento, fica tão abatido que Deus envia um anjo para o fortalecer. Reparaí, amados, que o Senhor na hora de tanta angústia, não rasgou os Seus vestidos, segundo o costume da época. Outros os rasgaram quando o crucificaram para a afronta que suportou ser maior ainda. Nosso Senhor nunca poderia fazer uma coisa que pudesse prestar-se a uma interpretação ambígua ou hipócrita. Já não procederam do mesmo modo os sacerdotes quando Ele lhes disse que era Filho de Deus. E talvez tivessem feito bem em rasgá-los, visto que eles não honravam a sua posição sacerdotal.

A exortação do profeta é sempre oportuna. Assim como se rasga um órgão do nosso corpo, a golpes de bisturi, para o tornar limpo e são, também simbolicamente, se deve ferir o nosso coração, com golpes de contrição e verdadeiro arrependimento, a fim de obtido o perdão, nos ser dado o gozo de ver a Deus. (S. Mateus 5. 8).

Procuremos sempre ter uma oportunidade de estar a sós com Deus para sentirmos o gozo e a alegria que dessa comunhão resulta. O grande servo de Deus Thomas Kempis que disse: «Procurai tempo para estar a sós com Deus», sabia muito bem, pela própria experiência, o valor precioso do seu conselho.

AMÉM

REGULARIDADE

(Continuação da página 1)

Máquina não é antítese de espírito, embora possa «matar» o espírito se lhe for dado um lugar errado. Todos nós levamos o dia a fazer mecânicamente actos que são a expressão adequada das mais belas actividades do nosso espírito, desde o beijo aos nossos queridos, até ao gesto de apanhar do chão o objecto que caiu a um desconhecido, companheiro ocasional de viagem, em qualquer transporte público.

Importa criar hábitos fortes de vida cristã. Isto implica de início esforço de vontade por vezes penoso, porque tem de ser exercido contrariamente a outros hábitos enraizados em nós, que não são fáceis de irradiar. Mas vale a pena o esforço. A aquisição desses hábitos

regulares de vida cristã não devem ser confundidos com a própria vida cristã, a «vida abundante», que o bom Pastor veio trazer-nos e deseja que disfrutemos; esses hábitos serão porém o instrumento que o Espírito Santo utilizará para levar por diante os Seus propósitos, em nós e por nós.

Estamos em plena Quaresma, a época litúrgica em que a Igreja particularmente nos convida a grandes e custosas resoluções. Por que não estabeleceremos a nós próprios uma boa «regra de vida», olhos postos na Cruz que litúrgicamente já se vislumbra em toda a sua generosidade e abnegação no fim desta santa quadra?

+ Luís, Bispo

Publicações recedidas

(Continuação da página 4)

Não há dúvida que a posição eclesialítica do presbítero, ou padre, se achava muitíssimo distanciada da do leigo, que aliás não tinha funções ministeriais bem definidas. Restaurando-se agora a ordem eclesialítica do diácono, como clérigo de funções sacramentais limitadas ao seu «munus» específico, faz-se com isso aproximar por meio dele, o clérigo do leigo; e reconhecendo nos leigos graus ministeriais, direi até sacerdotais, faz-se avançar a ordem laica para mais próximo da clerical, preenchendo-se assim, pelo prolongamento das duas escalas de valores positivos, a lacuna já secular, que de certo modo tem prejudicado a acção evangelística da Igreja Cristã.

Estamos certos de que muitos bispos, tanto da confissão romana como das outras, estão neste momento a traçar as suas coordenadas paralelas à linha de pensamento encomiástico de elevação da acção dos leigos seguida pelo bispo Kruschke, para a definição de um ponto essencial de doutrina evangélica e administração eclesialítica da Igreja, no tempo e no espaço.

Colecta Pastoral

Segundo o hábito observado em algumas paróquias da Igreja Lusitana, é levantada em qualquer domingo de Festa, como Páscoa, Bom Pastor, Pentecostes ou SS. Trindade, à sua escolha, uma colecta que de acordo com o ensino de S. Paulo, se destina aos seus respectivos ministros. Seria, pois, de desejar que as paróquias que ainda não adotam tão salutar e cristão costume, o iniciem já este ano, como preito de consideração e estima pelo seu pastor, e apreço pela solicitude e carinho que, sem dúvida e sempre, revela pelos seus membros. Um gesto desta natureza, tão eloquente na sua simplicidade, dar-lhe-á a noção de amparo e da conta em que eles têm aquele com quem sempre podem contar e a quem se podem dirigir em qualquer momento de dificuldade ou tribulação.

A. F. Arbiol

Antologia Devocional

O DESPERTAR

O SANGUE DE CRISTO

CHEIA está a divina Escritura das grandezas que temos pelo sangue de Cristo. De ser sangue de testamento novo de amor; desse mesmo sangue falar por nós a Deus; de Cristo nosso sumo Sacerdote entrar com a virtude do seu precioso sangue na Sancta Santorum do Céu; e temos por ele reconciliação com Deus, e redenção dos nossos pecados, e outras coisas que nos mostram que todo nosso bem temos nele. Por onde diz S. Paulo, que assim como na velha lei nenhum perdão se fazia, senão com sacrifício de sangue, assim nossas mortais obras só com o sangue deste imaculado Cordeiro de Deus são perdoadas. Por isso como quis ele ser baptizado por S. João Baptista, para nos santificar a nós, assim quis baptizar-se, e banhar-se todo em seu sangue, para sabermos que não é sangue de ira e morte, antes de vida e de perdão. Todas estas mercês que o género humano havia de receber por seu sangue trazia o Senhor no sentido continuamente; e nenhuma coisa mais desejava que acabar esta sua hora...

Em muitas coisas se enxergava isto nele, e principalmente em falar em muitas vezes no que mais trazia no sentido, que é o maior indício de que muito anda no coração. Porque parece que cada um em tudo quanto fala lhe vem a propósito falar no que mais deseja.

Frei Tomé de Jesus, Século XVI

A CRISTO CRUCIFICADO

Não me move, Senhor, para querer-vos
A glória que me tendes prometido;
Nem me move o Inferno tão temido,
Para deixar por isso de ofender-vos.

Moveis-me vós, Senhor, move-me o ver-vos
Pregado nessa cruz e escarnecido;
Move-me o vosso corpo tão ferido
E essa morte que vejo padecer-vos.

Minha alma em vos amar tanto se esmera,
Que inda a faltar o Céu eu vos amara,
E, não havendo Inferno, vos temera,

Nada, por vos amar, de vós espera;
Pois, se o que espero em vós não esperara,
O mesmo que vos quero vos quisera.

Versão portuguesa do P. João de Lucena, Século XVI

Ao começar com este número um novo ano de publicação de «O Despertar», Boletim Religioso da Igreja Lusitana, pedimos o favor aos nossos estimados assinantes de enviarem à administração, Rua I de Maio, 54, 2.º — V. N. de Gaia, em vale postal, em selos, ou em dinheiro, a importância da sua assinatura para 1964. Mais uma vez lembramos a todos os membros da Igreja Lusitana, e a todos os nossos Amigos e Assinantes que, como é sabido, a publicação de um jornal não é tarefa fácil, visto que o papel e a sua impressão são dispendiosos. Pedimos pois a todos que nos ajudem com o pronto pagamento da sua assinatura, 12\$00 para o Continente e Províncias Ultramarinas, e 15\$00 para o estrangeiro pelo que lhes ficaremos muito gratos. Outrossim agradecemos quaisquer donativos que nos ajudem na impressão do jornal, uma vez que, como todos sabem, a receita das assinaturas é bastante exígua e insuficiente para cobrir todas as despesas. São necessárias pois todas as migalhas que nos pudermos oferecer, e sobretudo o interesse dos assinantes das diferentes congregações da Igreja Lusitana, seu clero e membros, em procurarem angariar novos assinantes.

A todos agradecemos a boa vontade com que nos têm auxiliado, e os comentários lisongeiros que nos têm dirigido não só do País, mas também do Brasil e de outros países.

O Despertar continua procurando apresentar todos os assuntos da Igreja, e a ser uma tribuna livre para as ideias e opiniões diversas acerca dos magnos problemas da actualidade.

A Direcção

O Director do Despertar

Quando este jornal dava entrada na tipografia, fomos desagradaavelmente surpreendidos pela notícia de que o nosso Director, dr. Leopoldo de Figueiredo, adoeceu e se encontrava temporariamente impedido de sair de casa.

Rogamos fervorosamente a Deus pelo seu breve e completo restabelecimento.

POR QUE NÃO QUER DEUS QUE PEQUEMOS ?

(Continuação das páginas centrais)

diabo havia feito (1 João 3. 8.). Assim, se alguém se confessa arrependido dos seus pecados e se volta para Deus, pode ter a certeza de que está no caminho que o conduzirá a bom termo (Prov. 28. 13; I João 1. 10).

Deus não quer que pequemos porque o pecado repugna à Sua santidade. Na presença de Deus não entra nada que esteja contaminado, razão por que sem santidade ninguém verá a Deus (Heb. 12. 14). Por isso todo o pecado tem de ser castigado, toda a culpa expiada. E é justamente aqui que intervem o «Cordeiro de Deus que tira o pecado do Mundo» (João 1. 29). Jesus como representante da raça humana (segundo Adão), oferece-se no Altar da Cruz, expiando as nossas culpas, redimindo-nos dos nossos pecados (Efes. 1. 7).

Deus não quer que pequemos porque deseja poupar-nos às tristes consequências do pecado agora e no porvir. Ele sabe que quando pecamos deixa de haver paz no coração, e que a alegria desaparece da nossa vida. Não admira que o rei David, após haver sido a sua consciência despertada por Natã, confessasse o seu pecado e pedisse que a alegria lhe fosse restituída (Sal. 51). Por tudo isso o Senhor não quer que pequemos e nos chama à santidade (I Ped. 1. 15-16).

Esta Quaresma é, pois, mais uma oportunidade que Deus nos concede e a Igreja nos aponta para examinarmos as nossas vidas e assim nos penitenciar-mos pelos nossos pecados. Devemos penitenciar-nos, porém, não tanto no aspecto exterior, que por vezes é meramente aparente e fictício, destituído mesmo de qualquer valor real, mas no sentido daquilo que o Novo Testamento chama «metánoia», isto é, mudança da mente e do coração, verdadeiro arrependimento. Deve haver da nossa parte o máximo cuidado para não confundir o que é aparente com o que é real. O que parece pode corresponder à realidade, mas também pode não corresponder. A este respeito apenas um ligeiro apontamento histórico que ajudará a nossa compreensão acerca do que vimos dizendo.

Quando da luta entre o poder temporal e espiritual, havendo o Papa Gregório VII proibido o uso que permitia aos governantes designar bispos e investidos (a célebre questão das investiduras), Henrique IV, Imperador da Alemanha, desobedeceu ostensivamente ao Papa, designando um bispo para Milão. Sendo isso notório, o Papa enviou legados com a missão de convencerem o Imperador de que fizera mal, acusando-o mesmo de haver praticado simonia. O Imperador mostrou-se irredutível, valendo-lhe isso a excomunhão lançada pelo Papa. Esta teve consequências mais sérias do que talvez o Imperador suposera, pois desligava os súbditos da obediência para com ele. Vendo-se então abandonado por todos, muda de tática. Vai a Canossa, onde se encontrava o Papa, para lhe implorar o perdão. Em frente à porta do castelo, em pleno Inverno, ali esteve 3 dias (de 25 a 27 de Janeiro), vestido de penitente, bordão na mão e pés descalços sobre a neve. Parecia a imagem viva da humildade e do arrependimento! Quem o via assim o julgava, até o próprio Papa que se comoveu e levantou-lhe a excomunhão. E no entanto tudo aquilo era fingido, falso. Henrique IV pode servir de protótipo daqueles que apresentam sinais externos de arrependimento mas que não o sentem no coração.

Nesta Quaresma arrependamo-nos, sim, mas do coração, procurando veredas direitas para os nossos pés, a fim de que se alguém manqueja não venha a desviar-se inteiramente (Heb. 12. 13). Mortifiquemos os nossos membros, isto é, consideremo-los como mortos para o pecado (Col 3. 5; Mat. 5. 29-30). Pratiquemos generosamente e sem ostentação obras que agradem a Deus e ajudem o próximo (Mat. 6. 1-4, 16-18; Isaias 58. 6-10).

Que cada um de nós possa fazer suas estas palavras de Sto. Agostinho: «Senhor, à Tua graça e misericórdia atribuo o teres-me dissolvido como gelo os pecados; assim como à Tua graça devo também todo o mal que não cheguei a praticar».

Saul de Sousa

Ecumenismo Católico Romano

«...Uma das grandes contribuições para o ecumenismo Romano é consequência imprevista do anti-ecumenismo da Igreja Romana antes de João XXIII. Foi ela o movimento associado com o Pe. Couturier, com a sua grande ênfase no «ecumenismo espiritual». Durante muitos anos o movimento ecuménico em Roma, foi tarefa, não de canonistas, teólogos, ou de peritos em política eclesiástica, mas de santos.

Amar os «irmãos separados», orar com eles e por eles, tinha de ser actividade levada a cabo junto do trono dos céus, pois não havia outro lugar onde fosse possível reunir-se com eles.

Os que se dedicaram a este ecumenismo espiritual através das fronteiras católico-protestantes, formaram aquilo que o Pe. Couturier e o seu discípulo, o Pe. Villain, chamaram o «Mosteiro invisível». O Pe. Villain descreve-o assim no seu último livro UNIDADE:

«Cristãos empenhados neste encontro ecuménico, procuram-se e encontram-se; e na oração de Cristo, tomam conhecimento do que está no espírito dos seus irmãos. Sem compromissos doutrinários nem confusão de ideias, adquirem um conhecimento espiritual sem o qual não podem mais passar»...

«A alma expande-se até às dimensões do mundo inteiro, ou antes, até às dimensões da alma de Cristo; torna-se assim verdadeiramente Católica»...

«Nestes dias, aliás tão escuros, não pode haver dúvidas de que o Espírito Santo está a atrair todos os verdadeiros valores cristãos, onde quer que Ele os encontra, para o polo duma plenitude misteriosa nunca dantes conseguida».

Transcrito da «Living Church»

de 12 de Janeiro de 1964

DONATIVO

Recebemos de um irmão ausente a importância de 150\$00, para o templo de Alcácer do Sal.

PELA IGREJA

Continuação da página 10

cultos às 16 horas, segundo o seu próprio ritual, tendo o primeiro sido realizado no dia 15 daquele mês. Desde então, já foi celebrado um baptismo, sendo a Sagrada Comunhão celebrada no 4.º domingo de cada mês. No domingo 29 de Dezembro, o senhor Miguel de Sousa Evangelho, foi recebido oficialmente, pelo revd.º bispo diocesano, na Igreja Lusitana, e sua esposa, e uma crente, viúva, de 65 anos de idade, de nome Sucena de Jesus, foram confirmadas. Oportunamente daremos mais notícias.

Culto *in memoriam* do rev. Diogo Cassels

No dia 7 de Novembro de 1963, realizou-se um culto *in memoriam* do rev. Diogo Cassels, pela passagem do 40.º aniversário da sua chamada ao eterno descanso. Foi oficiante o rev. Agostinho Arbiol, pároco da congregação. O revd.º bispo dom António Fiandor presidiu, tendo também acompanhado a romagem ao Monumento e ao Cemitério.

Bazar do Natal

Promovido por um bom e zeloso grupo de senhoras da igreja, que durante o ano, uma vez por mês, se reúne para trabalhar, realizou-se no dia 7 de Dezembro de 1963 o anual BAZAR DO NATAL, com grande entusiasmo e boa assistência, entre a qual alguns elementos da colónia inglesa, tendo o seu rendimento excedido a quantia de 13 000\$00. Este bazar tem o fim principal de ajudar as despesas da paróquia.

Festa Escolar

Segundo o hábito tradicional, realizou-se no Dia de Natal a Festa Escolar para distribuição de prémios aos alunos das Escolas do Torne e do Prado. Abriu a Festa, a pedido do director da Escola do Torne, revd.º bispo dom António Fiandor, que a honrou com a sua presença, e o rev. Agostinho F. Arbiol. Presidiu o Ex.º sr. António Rocha, dig.º Presidente, da Câmara Municipal de Gaia, que teve para com a Escola, da qual foi aluno, palavras de muita simpatia e apreço, tendo usado também da palavra, o Ex.º sr. dr. António Teixeira de Almeida, Ex.º sr. dr. José Manuel de Pina Cabral, e o Ex.º sr. sr. Alexandre Fernandes, este último, em representação do rev. Augusto Nogueira, director da Escola do Prado. Pelos alunos foram exibidos alguns números de ginástica e declamação que muito agradaram. Foi também feita entrega às duas Escolas donativos em dinheiro da Associação dos antigos alunos das Escolas do Torne e do Prado, assim como diplomas e prémios em dinheiro aos alunos instituídos por alguns benfeitores.

Festa da Escola Dominical

Também, na quadra do Natal, foi oferecida aos alunos uma Festa, com chá e doces, e um lindo programa que encantou e deliciou as criancinhas que frequentam as Escolas Dominicais do Torne, missões de Valbom e Oliveira do Douro. Aos pais dos alunos foi também oferecida uma simples, mas cativante lembrança.

Confraternização da Juventude.

No dia 18 de Janeiro, realizou-se um jantar de confraternização na A. C. M. entre os jovens da nossa igreja, o qual decorreu num ambiente de admirável harmonia e amizade fraternal.

Festa familiar

Realizou-se no dia 25 de Janeiro a primeira FESTA FAMILIAR deste ano, da Liga de Esforço Cristão de Gaia, com a representação da comédia em dois actos «5 Minutos de Felicidade» original do rev. Agostinho Arbiol, um brilhante acto variado original dos próprios jovens.

Festa da União Feminina

Também na quadra do Natal, se realizou uma Festa, promovida pela União Feminina, durante a qual foi oferecido chá e doces a algumas crianças e peças de vestuário.

Actividades do Esforço Cristão

Entre muitas actividades do Esforço Cristão desta igreja, constam as Reuniões de Consagração e Concursos Bíblicos, realizados aos domingos, pelos quais os membros do E. C. estão revelando muito interesse, assim como os Estudos da Bíblia, com discussão, aos sábados, às 18.30.

Esta Liga deu valiosa colaboração à 2.ª Convenção Portuguesa de Esforço Cristão, realizada de 29 de Agosto a 1 de Setembro de 1963, no Porto, Gaia e Aveiro. Esta Convenção, a que assistiram cerca DUZENTOS delegados, representando crentes de 10 nações, teve a sua sessão de encerramento na igreja de S. João Evangelista. Todos os que tomaram parte neste movimento «Por Cristo e Sua Igreja», dificilmente poderão esquecer o que lhes foi dado contemplar.

Paróquia do Salvador do Mundo — Prado — V. N. de Gaia

Novo sino

No Dia de Todos os Santos, foi dedicado ao serviço de Deus um novo sino, por sua excelência reverendíssima, o senhor dom Luís. O novo sino tem um esplêndido e argentino som, ouvindo-se distintamente pelas imediações, quando convoca os fiéis ao Serviço Divino. Que estes, e muitos outros que ainda não se encontraram com Cristo, ao ouvirem a chamada do sino, acorram à Casa de Deus e ali encontrem a paz que os seus corações almejam.

Sínodo geral

O Sínodo teve este ano as suas Reuniões nesta igreja, sendo muito apreciada por todos a gentil hospitalidade manifestada pela sua Sociedade de Senhoras que, entre outras atenções, nos mimosaram com apetitosos bolos e chá, nos intervalos das sessões.

Festa de Natal

A exemplo dos anos anteriores, foi levada a efeito uma simpática festa infantil com recitativos e apresentação, com gran-

de relevo, do curso de ginástica, composto por alunos da escola diária, sábiamente dirigidos pelo prof. sr. Miranda, da Mocidade Portuguesa, que gentil e carinhosamente ministra, semana após semana, este óptimo exercício para o corpo. Também neste dia o Departamento Feminino do Esforço Cristão vestiu 40 crianças pobres.

Aniversário do Esforço Cristão

Para comemorar condignamente a passagem do 37.º aniversário do Esforço Cristão desta Paróquia, realizou-se no passado dia 2 de Fevereiro um culto matutino de Acção de Graças, e de tarde uma sessão recreativa completamente preenchida pelos jovens do Esforço Cristão do Torne que, num gesto fraternal, veio deliciar os nossos esforçadores simpatizantes com um bem escolhido e delineado reportório, de cunho retintamente evangélico. Foi também nesta festa integrada pela União Portuguesa do Esforço Cristão (UPEC) a comemoração do 83.º aniversário da Fundação da primeira Sociedade do Esforço Cristão no Mundo.

Refúgio de Carnaval

A fim de reunir os jovens esforçadores desta Paróquia em franca camaradagem com os esforçadores do Torne, realizou-se, na noite de 2.ª-feira de Carnaval, uma reunião para a mocidade, com uma récita levada a efeito pelos nossos esforçadores, agora em plena actividade, a qual foi muito apreciada, alcançando-se assim o alvo desejado, visto que quase na totalidade a juventude ali esteve concentrada.

Paróquia de S. Mateus

V. F. de Xira

Melhoramentos na Capela de S. Tomé (Castanheira do Ribatejo) e Confirmações

No dia 14, do mês de Novembro, foi solenemente dedicado ao Serviço Divino o novo púlpito, assim como outros melhoramentos levados a cabo nesta capela. O senhor bispo, após a dedicação, teve a oportunidade de manifestar quanto se sentia sensibilizado pelo testemunho de um casal de irmãos, célula «mater» daquele trabalho e principais promotores do seu desenvolvimento.

Naquela mesma noite, teve lugar a confirmação de 4 novos membros. Que Deus abençoe o seu testemunho, assim como o daqueles que ali já pertenciam à Igreja.

Oitavário de Oração (18 — 25 de Janeiro)

Este oitavário teve o seu início entre nós com uma celebração matutina no sábado, dia 18, cuja intenção especial foi interceder pela Unidade dos Cristãos, em que foi celebrante o senhor dom Luís, bispo diocesano da nossa Igreja.

No domingo, dia 19, ao Culto da noite, pregou o estudante de Teologia José Manuel Leite, finalista do Seminário Teológico Presbiteriano de Caravelos, cuja agradável mensagem deixou as melhores impressões à congregação.

Na terça-feira, dia 21, na nossa capela de S. Marcos (Salvaterra de Magos), houve também celebração da Sagrada Eucaristia, sendo celebrante e pregador o revd.º bispo.

(Continua na página 2)

PELA IGREJA

Notícias Ecuménicas

Mais duas Igrejas Portuguesas passam a fazer parte do Conselho Mundial de Igrejas

É do nosso conhecimento que a Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal, e a Igreja Evangélica Metodista Portuguesa, pediram a sua admissão no Conselho Mundial de Igrejas, motivo por que sinceramente nos congratulamos, pois isto representa mais uma vitória alcançada no sentido de um maior e mais avançado espírito ecuménico. De facto entre estas duas Igrejas e o C. M. I., já há muito existiam afinidades e laços, que agora tão somente se vão concretizar, ampliando-se e estreitando-se mais. É motivo de regozijo para todos nós que as três Igrejas sinodais do nosso País estejam assim representadas no C. M. I., de maneira que sem equívocos e com toda a galhardia possam afirmar a sua posição. Estão, pois, de parabéns os nossos irmãos Metodistas e Presbiterianos.

Segundo as últimas informações, apraz-nos informar que o C. M. I. conta actualmente com 350 milhões de membros, Protestantes, Ortodoxos, Anglicanos e Velho-Católicos, cujo número de Igrejas é de 209, situadas em mais de 80 países.

Conselho Nacional de Igrejas

«A Voz da Reforma», em seu número 17 (Setembro/Outubro de 1963) traz uma mensagem do Moderador da Igreja Presbiteriana, revd.º João Severino Neto, na qual, entre outras coisas, expressa o desejo de «que em breve venha o dia em que possamos ter um Conselho Nacional de Igrejas».

Congratulamo-nos sinceramente por este sentimento, que por nós é compartilhado cem por cento. E confiamos que, pela graça de Deus, tal desejo em breve se concretize.

Na execução deste desiderato estão empenhadas as três Igrejas sinodais (Presbiteriana, Metodista e Lusitana). O Conselho a formar será constituído por indivíduos representantes destas Igrejas e representar-nos-á oficialmente, constituindo-se assim, tanto quanto possível, uma frente única. Está em preparação o Estatuto do Conselho, que será considerado em reunião de representantes das referidas Igrejas, no próximo mês de Junho.

Reunião de Estudo Pró Evangelização em profundidade

No dia 11 do corrente, no gabinete da catedral de S. Paulo, com a presença do seu deão, reuniu-se um grupo de obreiros de confissão diversa, para trocarem impressões acerca da possibilidade de uma Campanha de Evangelização em profundidade. Presidiu à reunião o rev. dr. Samuel Faircloth, estando presente também, falando-nos da sua experiência de evangelista, o rev. Ben W. Peake, secretário da Campanha de Evangelização de Billy Graham em Londres. Espera-se que a próxima reunião terá lugar na Igreja Presbiteriana da Figueira da Foz, com a participação de muitas outras pessoas que para esse efeito serão oportunamente convidadas.

Clamor católico contra o pastorado das mulheres

No decorrer da semana de conferências ecuménicas, que terminou a 25 de Janeiro, em Düsseldorf, o Prior dos Beneditinos de Treves, o padre Laurent Klein, expressou a opinião de que a questão do pastorado das mulheres no seio das Igrejas Protestantes tinha, sobre o desenvolvimento da procura da unidade das Igrejas, o mesmo efeito paralisante que o dogma marial católico-romano.

Pregadores Leigos na comunhão católica romana

«O Cardial Silva Henriques, Arcebispo de Santiago, Chile, acaba de tomar medidas que são uma verdadeira inovação na história do Catolicismo na América Latina: ele autoriza os leigos qualificados — e especialmente preparados para este efeito — a pregar às Missas de Domingo na sua diocese».

De «*Informations Catholiques Internationales*» N.º 209 (1. 11. 64).

Luta ecuménica contra a miséria

O jejum ecuménico do mês de Março, no país de Montbéliard, permitirá aos católicos e aos protestantes ajudar uma localidade pobre na Grécia ortodoxa.

Sacerdote Anglicano prega numa igreja Católica Romana

O rev. Glauco Soares de Lima, pároco da igreja do Redentor, paróquia da Igreja Irmã no Brasil, pregou na igreja do Rosário da mesma localidade, para o que foi especialmente convidado pelo pároco da referida igreja. Que nos conste, é a primeira vez que um pregador não católico romano ocupa o púlpito de uma Igreja Romana. Pelos vistos, o ecumenismo em terras de Santa Cruz vai um pouco mais depressa do que entre nós!

Ponto de vista de Hans Küng sobre a infalibilidade

Hans Küng, um dos mais abalizados Teólogos dos nossos dias, e desde os 32 anos Prof. de Teologia dogmática na Universidade Católica de Tubinga e perito do II Concílio do Vaticano...

... «Após o segundo Concílio do Vaticano (...) cada intérprete do Concílio não deveria jamais esquecer o que, apoiando-nos em S. Paulo, se poderia chamar o carácter fragmentário das declarações doutrinais da Igreja: «Porque imperfeita é a nossa ciência, imperfeita também a nossa profecia. Quando então vier o que é perfeito, o que é imperfeito desaparecerá... Hoje, certamente, vemos como que por espelho, duma maneira confusa; mas no porvir, veremos face a face» (1 Cor. 13, 9, 10, 11). Se for tomado a sério o carácter imperfeito, inacabado, enigmático, parcial e fragmentário de todas as nossas formulações de fé... Não se pode de maneira alguma rezear que os decretos, mesmo a despeito das suas imperfeições, que desde logo se admitem, impeçam e prejudiquem o diálogo ecuménico em vez de o fazerem avançar. O facto de que, segundo todas as

aparências, o Concílio e o Papa têm a intenção de renunciar a novos dogmas infalíveis a favor de «declarações», mostra claramente que no segundo Concílio do Vaticano se tomou melhor consciência do carácter fragmentário inegável de todo o decreto conciliar do que se havia tomado no primeiro.

É esta a razão por que nenhum caminho que der grandes esperanças, deveria ser obstruído, antes pelo contrário dever-se-ia deixar todas as portas abertas a novas luzes e novos progressos. E quem sabe, talvez venha o dia em que tendo tomado consciência de que a palavra «infalibilidade» exprime de facto o carácter constringente e não o carácter fragmentário das formulações de fé da Igreja, se encontre uma noção que, melhor que o termo «infalibilidade», corresponda, de maneira completa e harmoniosa, ao mesmo tempo a este carácter verdadeiramente constringente e deste carácter profundamente imperfeito, dentro do seu conteúdo respectivo, real e permanente».

«Extraído de um texto das *Informations Catholiques Internationales* do 1-2-1964

Notícias Paroquiais

Paróquia da Catedral de S. Paulo

Lisboa

Escolheiros

No dia 1 de Dezembro, houve uma sessão especial pelo 30.º aniversário do grupo 53 anexo à catedral, que foi muito concorrida. De manhã todos os escolheiros e guias presentes, cerca de três dezenas, tinham assistido à celebração da Sagrada Eucaristia, tendo fungurado bastante. Neste mesmo culto fizeram o compromisso de honra alguns dos candidatos. O nosso bispo fez no seu sermão referências à boa obra do escutismo que ajuda os adolescentes na ideia nobre de servir, no mesmo amor de Cristo. O novo escolheiro-chefe, neto de antigos membros da igreja, sr. José Manuel Marçal Correia, foi muito felicitado pela boa obra ultimamente realizada no grupo.

Às 15.30 horas do mesmo dia, teve lugar uma sessão solene presidida pelo bispo, em que discursaram também o actual chefe do Grupo e o seu antigo chefe, sr. Daciano Vaz de Carvalho.

A seguir houve uma interessante sessão cinematográfica.

Festa dos Mealheiros e Bazar

No fim do ano passado, por iniciativa da Sociedade de Senhoras, teve lugar a festa dos mealheiros e um bazar, cujos resultados foram deveras animadores.

Paróquia de S. João Evangelista

Torne — V. N. de Gaia

Novo Missão em Viana do Castelo

A igreja de S. João Evangelista, ao cuidado da qual está, desde Dezembro do ano findo, o trabalho que vinha sendo feito no Lugar do Socorro-Areosa, em Viana do Castelo, realiza ali todos os domingos

(Continua na página 9)